

Repensando as Licenciaturas - um Novo Enfoque para a Próxima Década

César Augusto Nicodemus de Souza*

Diretor do Ensino Preparatório e Assistencial do Exército, o autor examina as bases do "Sistema Colégios Militares", idealizado para responder às necessidades educacionais resultantes das exigências do progresso no próximo século, ressalta a necessidade de mestres de alto padrão e, conseqüentemente, de repensarem-se as licenciaturas.

Os Colégios Militares (CM) estão presentes em 12 cidades de expressão (sendo *dez capitais*): Porto Alegre (RS); Santa Maria (RS), o mais novo e menor; Curitiba (PR); Rio de Janeiro (RJ), com mais de 107 anos de funcionamento ininterrupto; Brasília (DF), com mais de 3.200 alunos; Belo Horizonte (MG); Juiz de Fora (MG); Salvador (BA); Recife (PE); Fortaleza (CE); Manaus (AM), recebendo jovens de toda a Amazônia, e Campo Grande (MS). Estes estabelecimentos estão integrados em um *Sistema de Ensino*,

gerenciado, coordenado e controlado pela *Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA)*, que segue, em tudo que pode ser aplicado, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Seus cursos vão da 5ª Série do 1º à 3ª do 2º Grau. No momento, com alguns CM ainda em expansão, os alunos são 11.974 e os professores, militares e civis (expressiva maioria), ultrapassam os 650.

O quadro acima, apenas esboçado, é suficiente para evidenciar o vulto dos trabalhos em andamento e a expressiva diversidade do alunado, do professorado e demais técnicos em educação com que lidamos, os quais nos proporcionam, em contrapartida, uma perfeita

amostragem do que se passa no Brasil, de leste a oeste, de norte a sul.

A formação dos docentes, ainda que em Universidades Federais, considerada uma única disciplina, é extremamente diversificada e distante das reais necessidades nacionais, quando não negligenciada. Os currículos, de uma maneira geral, valorizam o *conhecimento* e uma pretensa *modernidade*, mas pecam por não explorar os aspectos formativos da Educação.

Como tentaremos explicitar, a seguir, o objetivo central de um Sistema Educacional é preparar o aluno para a vida. É elevar cada um, dentro das suas potencialidades, a um patamar que lhe faculte, a cada instante,

* General-de-Brigada, Diretor de Ensino Preparatório e Assistencial do Exército.

¹ Selecionado pelo PADECEME.

no futuro, “aprender a aprender”, de molde a enfrentar os desafios que a vida vier a lhe proporcionar.

DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS

Ao percorrermos, pela primeira vez, nossos CM (à época somente cinco), reunindo-nos, separadamente, com os professores de cada disciplina – todas regidas por um Plano de Matérias comum à rede de CM – preocupou-nos o desconhecimento, por boa parte dos lentes, dos objetivos a serem alcançados por seus discípulos. A esse questionamento, em inúmeras oportunidades, independente da série, respondiam-me que era “preparar para o vestibular” (!).

Tecnicamente, o problema da Educação, no Brasil ou em qualquer parte, começa, e praticamente se encerra, na definição dos objetivos a atingir. “Com que objetivo recebemos esta criança no Corpo de Alunos (CA)?” “Com que objetivo ensinamos Matemática? ou a Matemática desta série?” “Com que objetivo conduzimos a Educação Artística?”

O professor, o educador, que não souber responder a questões desse tipo, especialmente no que se refere à sua disciplina, poderá, até, desenvolver todos os procedimentos normais em uma sala de aula, mas não cumprirá a sua missão. *(Talvez, mui certamente, porque seus próprios professores na Licenciatura nunca souberam definir*

Temos que olhar para os nossos jovens, em sala de aula, não como meninos e meninas, rapazes e moças, mas como *homens e mulheres que estarão no mercado de trabalho no próximo século e, principalmente, como dirigentes que têm de ser necessariamente competentes nos anos 2020/2030.*

“com que objetivo eles estavam na Faculdade?”).

Parece-nos fundamental ressaltar, no primeiro dia de aula – e, após, sempre que for o caso – com que objetivo vamos seguir aquele currículo; onde ele tangencia ou se entrelaça com outras matérias; onde aqueles conhecimentos estão ou estarão presentes na vida. Afinal, o conhecimento é um só; as diversas *disciplinas* são um

mero expediente para facilitar a transmissão dos conteúdos de forma ordenada; o estudo é *seriado* para efeito de atender à progressividade de sua complexidade e ao paulatino amadurecimento do ser humano.

OS USUÁRIOS DO SISTEMA

Temos que olhar para os nossos jovens, em sala de aula, não como meninos e meninas, rapazes e moças, mas como *homens e mulheres que estarão no mercado de trabalho no próximo século* e, principalmente, *como dirigentes que têm de ser necessariamente competentes nos anos 2020/2030.* É indispensável formar um sólido núcleo de competências.

O Homem moderno não pode mais ser formado segundo aquele modelo “repetitivo” que nos impuseram e vem sendo reiterado, mesmo nas principais universidades, de onde os jovens estão saindo com diploma defasado de 10 a 15 anos das necessidades dos dias de hoje. O que dizer, então, quando os queremos competentes para o futuro?

Na atualidade, já é comum o indivíduo, durante a sua vida útil, passar por mais de uma atividade profissional. Estudos prospectivos consistentes concluíram que o brasileiro deverá alcançar uma vida média em torno dos 120 anos aí por 2020/2030 – o que lhe dará condições de percorrer da ordem de quatro ocupações distintas, em decorrência da ampliação de seu período ativo – razão mais do que suficiente para a absorção dos postulados defendidos pela linha do “*aprender a aprender*”.

Há que deixar, em cada um, *sólidos pilares* sobre os quais o conhecimento necessário, no futuro, possa ser acrescentado, ampliado ou redirecionado:

• **Base Lingüística** – É indispensável o pleno domínio da língua pátria; quem não sabe *ler*, não tem como informar-se corretamente; quem não sabe *escrever*, sofre sérias restrições para expor suas idéias.

Além do seu idioma, cada vez mais, o homem precisa, no mínimo, dominar *um segundo*. O “Latim” de hoje é o Inglês, facilitador de contatos, negócios, negociações e transferência de conhecimentos em qualquer

parte do globo, independentemente da nacionalidade dos participantes. Se algo de importante é publicado – sem qualquer consideração quanto ao efetivo populacional ou projeção internacional do povo que fala aquele idioma – *se é realmente significativo*, é vertido para o Inglês. Por essa razão adotamo-lo, nos Colégios Militares, como a “Língua Estrangeira Moderna” a que se refere a LDB. Só que a obrigatoriedade é desde a 5ª Série. Oferecemos, como opcional, extraclasse, o Francês e, talvez, a partir de 1998, já possamos acrescentar o Espanhol.

• **Base Matemática** – Todos entendemos que a Matemática e a Geometria são “ferramentas” imprescindíveis para a vida, presentes em todas as atividades humanas. Alguns, contudo, não se apercebem de sua importância no desenvolvimento da coerência de raciocínio, do ordenamento das idéias em qualquer ramo do conhecimento. Em síntese, o conhecimento da linguagem matemática ajuda na estruturação das operações do pensamento, no desenvolvimento da *Lógica*.

• **Base Científico-Tecnológica** – O acelerado de-

envolvimento dos dias atuais – e a previsão é de que se acentue cada vez mais – deve-se, indiscutivelmente, aos avanços decorrentes do domínio de conhecimentos nas áreas de tecnologia de ponta. A Eletrônica, a Química, a Biologia estão levando ao público em geral, em prazos cada vez menores, criações com que temos de conviver com naturalidade, sob risco de ficarmos isolados do restante da sociedade. Mais do que *conviver com*, devemos ter condições de bem *desfrutar*, de reconhecer a importância para as nossas atividades, conforto ou lazer de um novo composto ou invento que surja. Para tal, é imprescindível uma certa “intimidade” com esse segmento do conhecimento.

• **Base de Informática** – É de tal forma óbvia a sua importância, que julgamos nem ser o caso de ressaltá-la. Hoje, para trabalhar em um balcão comercial, ainda que com escolaridade limitada, a pessoa tem que apresentar uma certa familiaridade com a “máquina” – consulta a estoques e preços, emissão de faturas, etc. Naturalmente, queremos mais para o Homem do futuro e... para o seu professor *de hoje!*

O jovem está convencido e ávido em aprender, mas o professor de mais idade reage, demonstra receio em – o que ele considera – “competir com seus alunos”.

• **Base Humanística** – O conhecimento que o jovem está adquirindo, de uma forma ou de outra, está sendo pago pela sociedade – sociedade para a qual ele passará a contribuir, dentro em breve. Mesmo o profissional liberal, aquele “sem patrão”, tem de ser formado com o sentido ético de que ele terá sempre uma *responsabilidade social, pois que o grupo nacional depende do trabalho de todos e de cada um em seu proveito*. Para tal, é indispensável conhecer muito bem a sociedade em que vive, sua história, seus anseios, seus valores morais. Os acontecimentos se passam sobre uma base física, o que nos remete à Geografia – que nos delimita os espaços, descrevendo-os, demonstrando como melhor aproveitá-los, em função dos solos, dos recursos hídricos ou minerais, do clima, da vegetação, da circulação, do ecúmeno.

Dentro da formação do espírito equilibrado do homem, não podem estar au-

sententes uma apresentação às artes, ao belo, e outra à religiosidade, como forma de entender melhor e reforçar a sua própria e, sobretudo, de respeitar a escolha dos demais.

• **Higidez** – Naturalmente, se nos é assegurado um período de vida sensivelmente maior, a saúde vai depender – e muito – de um condicionamento físico que deve começar desde agora.

“O importante não é saber; o importante é ter sabido!”
Quem já soube, sabe onde procurar no futuro, e em pouco tempo recorda o essencial sobre o qual assentará novo conhecimento.

O treinamento físico é tão mais eficaz quanto ele decorre de uma atividade cientificamente conduzida por pessoal competente, sob forma agradável, lúdica. Cada um tem de ser levado a descobrir em que atividade física ele se sente mais à vontade, realizando algo que lhe dá prazer, de molde a que possa manter-se bem de corpo e espírito. Paralelamente poderemos estar desenvol-

vendo atletas melhores para um País tão pobre deles no plano internacional.

Observem que, ao listar os *pilares*, as *bases*, que devemos preparar em cada jovem, para que sobre elas possam desenvolver as “construções” que o futuro vier a requerer, encontramos como “materiais” necessários ao seu preparo todas as Disciplinas. Daí por que podemos, agora, com convicção plena, afiançar que todas são importantes. O enfoque e os objetivos a serem alcançados em cada etapa é que diferem. Aí entram, necessariamente, a competência, a técnica e a sensibilidade *do professor*.

Quando me via preocupado por não estar conseguindo absorver a integralidade de todos os conteúdos de uma Disciplina, preparando-me para as indefectíveis perguntas de algibeira de alguns mestres, meu pai dizia uma frase que levei alguns anos para entender em sua profundidade: – “O importante não é saber; o importante é ter sabido!”

Realmente, não há como ir-se mantendo permanentemente disponível todo o estoque de conhecimentos que

nos vai sendo passado. Por esta razão, o professor deve ressaltar o significativo (que, naturalmente, é o que ele deve privilegiar nas verificações); isto é que é importante saber. Pois quem já soube, sabe onde procurar no futuro, e em pouco tempo recorda o essencial sobre o qual assentará novo conhecimento.

O USUÁRIO "COLÉGIO MILITAR"

As considerações acima influenciaram decisivamente a reformulação recente do "Sistema Colégios Militares", que tem mantido, ainda, ao longo de seus 107 anos, a componente *disciplinada* como apanágio. No decorrer desse período, psicólogos e pedagogos muito discutiram, avançaram e retrocederam quanto ao tema "liberdade total para os educandos". Parece não haver mais dúvida, após tantas propostas, de que *há que haver disciplina nas salas de aula* – pelo menos é o que se constata na leitura dos pareceres das maiores autoridades mundiais em Educação. O Colégio, felizmente, nunca se afastou dessa posição à qual, agora, a comunidade internacional retorna.

O nosso professor recebe a apresentação da turma, de pé, ao início da aula, o mesmo ocorrendo quando vai se retirar. Não precisa ser um "disciplinador", justamente porque os nossos jovens conhecem e exercitam as regras da boa educação. Basta que o mestre não negligencie o seu cumprimento e tenha o domínio de classe normal.

PROJETOS ESPECIAIS

Visando a preparar nossos jovens segundo os requisitos acima levantados, introduzimos algumas modificações nos currículos e na didática, além de reformulações de cunho pedagógico, como os que passamos a arrolar – e para os quais precisaremos sempre, e cada vez mais, de mestres de alto padrão:

- **na Cadeira de Português** (como na maioria dos educandários, hoje em dia, distinta da de "Literatura") – Ênfase para leitura e interpretação e produção de textos em sala. Nas 5ª e 6ª Séries, praticamente, não há mais aulas formais de gramática – só quando, ao corrigir os trabalhos, percebe-se que existe uma deficiência pronunciada em um gru-

po significativo de jovens. O objetivo é resgatar o grande número de "analfabetos funcionais", neles despertar o prazer pela leitura e romper o "medo" de escrever. A modificação no grau de compreensão sobre os textos lidos, naturalmente, refletiu-se em melhor aproveitamento em *todas as outras disciplinas*. Baixamos diretriz para os docentes das demais matérias para que aumentassem os pedidos de trabalhos escritos e a percentagem de questões dissertativas. Paralelamente, estamos realizando, anualmente, um concurso literário, a nível nacional, que vem apresentando resultados melhores e, mesmo, surpreendentes a cada nova etapa. Os Colégios, por iniciativa própria, promovem a cada data significativa outros concursos, de molde a que se mantenha o incentivo à escrita. Esperamos, este ano, editar a primeira "Antologia dos Alunos dos Colégios Militares", com os melhores trabalhos de todas as séries.

Como notícia, professores de nossos CM organizaram uma excelente Antologia Escolar, em dois volumes, e mais um livro de leitura referencial, denominado "Língua, Instrumento de

Comunicação” – coleção considerada, por todos que tiveram a chance de consultá-la, como do mais alto padrão e que bem poderá provocar o ressurgimento das coletâneas de textos clássicos – antigos e modernos – realmente selecionados, com exemplos e mensagens de decência, honradez, bondade, patriotismo e tantos outros valores positivos em falta em nossos livros de texto ou “paradidáticos”.

• **Ensino de Idiomas Modernos, por Níveis** – Os CM vêm conduzindo, com excelente resultado, o “Sistema de Ensino-Aprendizagem por Níveis – SEAN” – atualmente só para o idioma obrigatório, o Inglês. As turmas são divididas, segundo os níveis de conhecimento dos alunos, e não suas séries, com efetivo máximo, por sala, de 15 alunos. Pode-se, então, desenvolver plenamente as quatro componentes do domínio de um idioma: *compreensão* oral e escrita e *expressão*, também, oral e escrita. Uma série de meios-auxiliares enriquecem as aulas: fitas k-7, quadros, cartazes, fitas de vídeo, CD multimídia, além de atividades complementares no laboratório de informática, clubes de Inglês, jogos, dra-

matizações e reuniões extra-classe.

Percebe-se que é indispensável professores fluentes, o que, infelizmente, não é corrente entre a maioria dos formados em nossas universidades.

• **Novo Currículo de História** – Estudamos História segundo a ótica que nos foi legada pelos europeus – em particular a francesa. Mesmo a *nossa História*. Há muito o que repensar na definição dos objetivos (presente aí, novamente, e sempre...). Não se trata de “reescrevê-la”, como alguns têm feito nos últimos anos, procurando denegrir nossos vultos maiores, estabelecer versões ideológicas para fatos até anteriores à ideologia, ou “descobrir” versões que nunca encontraram apoio nos fatos.

Nosso escopo é, tão-somente, que cada um compreenda *de onde* viemos, *porque* nossa estrutura social ou econômica é de tal ordem, *qual a ligação do que estava ocorrendo entre nós e o que se passava na Europa ou na América*, e assim por diante. Em resumo: entender a evolução de nossa Sociedade, criando condições para estimar o que pode decorrer em função de deter-

minados comportamentos ou fatos, à luz de nossos padrões de reação, de nossa cultura, de nossa tradição política, etc.

Da mesma forma com a História Geral ou da América. Para nós, a partir da 7ª Série, a distinção desaparece (até as 5ª e 6ª, completaremos a grande introdução à História do Brasil). Estudaremos “*História*”, de forma *progressiva e integrada*, segundo os episódios e fatos significativos para a evolução da sociedade humana, em geral, e a *brasileira*, em particular. Destarte, o jovem de 17, 18 anos, chegará à 3ª Série do 2º Grau discutindo a civilização contemporânea, de forma global, da Segunda Guerra Mundial aos nossos dias, tendo condições de melhor compreender o mundo em que vive e, mais ainda, antever o que pode vir a ocorrer nos anos futuros, segundo um ou outro cenário que se lhe apresente.

Com o deslocamento do “eixo de importância” do Mundo, do Atlântico Norte para o Pacífico, com a crescente presença dos islâmicos no cenário global, percebemos que, *se é nossa intenção que os nossos dirigentes, empresários, negociadores, cientistas, diplomatas*

e militares dos anos 2020 estejam em condições de dialogar e negociar em qualquer parte do planeta, precisamos prepará-los desde já. Há que se conhecer as civilizações que surgiram e se consolidaram na China, Japão, Tigres Asiáticos e Índia – pólos industriais e financeiros pulsantes, universos emergentes que não podemos ignorar se com eles quisermos estabelecer vínculos a níveis de importância recíproca. E não meramente lembrar, como fizemos até agora, episódios vivenciados pelos europeus naquelas paragens.

É imperioso entender as origens e o que representa o Islã, não apenas pelo fato de importarmos mais de 50% de nossas necessidades em petróleo de países sob essa influência, mas pelo que ele representa, especialmente na Ásia, África, Oriente Médio e para expressivas minorias européias.

A rigor, pouco sabemos sobre nossos vizinhos hispânicos; os contínuos e cada dia mais acentuados movimentos nacionalistas na Europa e África, particularmente, têm que ser compreendidos em suas origens mais remotas, para um melhor convívio cultu-

ral, comercial e diplomático.

A estrutura básica do estudo da História, portanto, não será mutilada. Será, simplesmente, redimensionada para atender às necessidades do brasileiro no limiar do século XXI. Ela haverá de ser calcada em uma dinâmica holística, de molde a que se *apontem, esclareçam e sublinhem, pragmática e humanisticamente, os ensinamentos da História.*

Para tal, mais uma vez, necessitaremos de professores competentes e entusiasmados, pois que, reconhecemos, por não termos tido formação segundo a ótica pretendida, será muito difícil contar com os acomodados, desmotivados ou de baixo gabarito. Uma reciclagem de tal monta implica competência, sim, mas muito mais de desprendimento e coragem para mudar.

• **Reformulação do Estudo de Geografia** – Ao reformularmos o ensino de História, naturalmente, o de Geografia deverá seguir a reboque – *não que ela seja de importância secundária, mas pela necessidade de que o aluno possa conhecer o espaço físico e sua influência sobre os episódios e as civilizações passadas.* A

rigor, nos dias de hoje já detectamos uma série de desajustamentos entre as duas disciplinas. Esperamos poder “queimar etapas”, compatibilizando os currículos de uma só vez, mas o enfoque pragmático de integração entre as duas matérias já está em prática em nossos CM.

• **Nova Sistemática de Verificação da Aprendizagem** – É fato notório que nossos alunos vivem em função do grau. Desde a

mais tenra idade. Chegamos ao ponto, no auge dos “vestibulares unificados”, de começar a treiná-los “pavlovianamente”, desde as classes de alfabetização, para responder a questões “tipo vestibular”. Daí o bom aluno passou a preocupar-se com o “*como vou responder a uma questão sobre esse assunto em prova*”, enquanto o relapso encarava de outra forma, não mais brilhante: “*qual o ‘macete’ para eu sair bem dessa prova*”. A “prova”, sempre a ‘prova’ – e não a fixação, o entendimento do conhecimento. Muitos professores, também formados no mesmo esquema, têm, até hoje, como objetivo de suas aulas... A Prova! Os alunos vivem, então, em função de verificações

formais que se sucedem, descuidando-se das aulas normais em andamento, preocupando-se somente com a próxima cobrança.

A verificação do Ensino, nesta fórmula atual, praticamente desaparece. Os alunos, como lembramos acima, não se ocupam devidamente de todas as aulas ministradas e o resultado prático delas só é medido de tempos em tempos, à proporção que o calendário cria oportunidade àquela disciplina para ser formalmente verificada. Quando se constatam os fracassos, um ou mais meses são passados; não dá mais para retificar o ensino. Só resta batalhar em uma trabalhosa e pouco eficiente recuperação obrigatória, simultaneamente com os novos conteúdos que estão sendo passados... aos mesmos alunos (*aqueles que estão novamente, mais uma vez, preocupados somente com a prova do dia seguinte...*).

Em nossos Colégios, a partir de 1997, reduziremos as verificações formais a somente quatro por disciplina, mais uma verificação final, cobrindo toda a matéria, se a conta “de ano” não tiver atingido 6,0 (seis). É preciso lembrar que o

nosso último bimestre tem um “peso” 2,0 (dois), de molde a forçar *os bons* a manterem a impulsão até o final e a dar, ainda, oportunidade aos *mais fracos* para batalhar por suas aprovações.

Em princípio, ao término de cada assunto, o professor apresentará um pequeno teste, com um mínimo de *questões significativas*. A média desses testes representará o grau hoje denominado “Verificação de Estudo – VE” (hoje uma prova específica, a cada bimestre), que se compõe com a “Verificação Corrente – VC” (que será mantida) para o estabelecimento da Nota de Período (bimestral).

Além de dispensar os formalismos de hoje, a prática desses testes acabará com a necessidade de “Segundas Chamadas” de VE.

Mas, seguramente, duas são as grandes vantagens: 1ª) o aluno terá que prestar atenção a cada aula, integralmente, pois ela poderá estar sendo encerrada com um teste sobre o significativo do que foi passado (*verificação do Aprendizado*); 2ª) a verificação do Ensino será imediata, e não um a dois meses após. As corre-

ções de rumo podem – e devem – ser imediatas.

A modificação foi testada, no decorrer do corrente ano, no Colégio Militar de Porto Alegre, com excelentes resultados, que ainda deverão ser melhorados, em função, justamente, das sugestões dos professores e técnicos em ensino envolvidos na experimentação.

• Programa “Centros de Informações” – De algum tempo para cá temos conseguido fazer evoluir nossas bibliotecas para o conceito de “centro de informação” e não mais de um mero “depósito de livros”, ao qual a frequência era inexpressiva e assistemática. Orientado por um microcomputador, o usuário será levado a escolher suas fontes de *informações* em livros, fitas de vídeo ou K-7, CD Roms, discos, coleções de ‘slides’ ou e um outro micro, ligado à “Internet”. Alguns Colégios já alcançaram plenamente esse estágio, mas é importante que todos os professores estejam preparados para orientar seus alunos nesta nova realidade – ou serão ultrapassados. É certo que não conseguirão reprimir a ânsia de conhecimentos “via eletrônica” de que estão possuídos!

• **Estímulo à Pesquisa** – O estímulo a “Feiras de Ciências” criativas e não meramente reprodutivas, ou meramente descritivas de processos didáticos (ou em plena utilização), aliado ao esforço de aperfeiçoamento de nossos laboratórios, dotando-os de equipamentos de última geração (minicâmeras de vídeo, que se pode acoplar à objetiva de microscópios, possibilitando a projeção da lâmina ou a gravação da experiência em VT, projetores de vídeo e outros equipamentos eletrônicos) visa ao despertar de vocações de pesquisadores e a conscientizar os alunos da importância da base científico-tecnológica.

• **Laboratórios de Informática** – Cada CM já dispõe de, no mínimo, um laboratório de Informática, comportando a condução de aula para uma turma completa (21 máquinas). Alguns possuem dois, e os do Rio de Janeiro (CMRJ) e de Brasília (CMB) já estão com três, ainda que de modelos diferentes.

A Informática não é formalmente ministrada, pois que é encarada como “*ferramenta*”, o que não tem impedido aulas extraclasse para aqueles que não possu-

íam experiência anterior (alunos, professores e funcionários da administração).

Também está claro que nada substitui a presença e a condução pelo professor, centro e figura principal do processo.

• **Programa de Desenvolvimento de Potencialidades** – Conhecido por sua sigla – PRODEP – este programa, já em seu terceiro ano de funcionamento, proporciona atendimento aos alunos “*altamente habilitados*” (vulgarmente chamados de “superdotados”), a partir da 6ª Série, no CMRJ. Os jovens permanecem em suas turmas de aula normais e, uma vez por semana, são reunidos em dois subgrupos, por série, para aplicar a metodologia desenvolvida pela Associação Brasileira para Superdotados (ABSD), a partir dos trabalhos e orientação de Ranzulli e Edward de Bonnu (em especial, suas “Ferramentas para Pensar”). A partir do próximo ano, estaremos introduzindo o atendimento nos Colégios de Juiz de Fora (CMJF), Curitiba (CMC) e Porto Alegre (CMPA), inicialmente com as técnicas de “*enriquecimento*” para, posteriormente, como já ocorre no Rio de Janeiro,

chegarmos ao “*aprofundamento*”. O grupo pioneiro, no momento, desenvolve adequadamente o estágio de monitoria.

Seria importantíssima a participação da maioria dos professores no Projeto, mas ainda é perceptível uma certa desconfiança quanto a “*essas crianças*” que poderiam, no critério dos mal-informados, transformarem-se em “*problemas para a condução das aulas pelos mestres*”. Sabemos que, bem ao contrário, o atendimento reorienta, “*acalma*” e disciplina o altamente habilitado para os trabalhos normais de sala de aula.

BREVE NOTÍCIA SOBRE OS PROFESSORES NOS COLÉGIOS MILITARES

É bem diversa a origem de nossos professores. De uma maneira geral, podemos dizer que há os concursados (militares e civis, integrantes do Magistério do Exército) e aqueles não concursados. Mesmo estes são extremamente selecionados por seus títulos, experiências anteriores, entrevistas e prova prática de condução de sala.

De três anos a esta data, o Exército começou a rece-

ber excelentes professores (homens e mulheres), provenientes da seleção para o Quadro Complementar de Oficiais (QCO), praticamente todos da mais alta habilitação em didática e conhecimentos específicos de sua matéria.

Ainda que as exigências das provas do concurso de seleção sejam reconhecidamente severas, preocupam-nos, por exemplo, o fato de muitos candidatos à cadeira de Português, no concurso público, serem reprovados logo na parte de conhecimentos de nossa Língua, comum e obrigatória para os professores de todas as disciplinas. Para Desenho e Educação Física tem sido muito baixo o índice de aproveitamento, restando muitas vagas sem preenchimento.

De qualquer forma, todos os anos, uma semana antes do início das aulas, tem início o *Estágio de Adaptação Pedagógica* (ESTAPAE), obrigatório para todos os docentes e pessoal que lida diretamente com o ensino – em especial para aqueles novos no CM.

É a oportunidade de apresentar a Instituição sua metodologia e princípios

pedagógicos, normas gerais, etc., aos que chegam e as novidades, para o conjunto já experiente, nos programas, normas e/ou procedimentos para o ano que vai se iniciar. É, também, quando se é apresentado a um novo equipamento ou meio auxiliar de instrução – em que consiste, potencialidades, quando e como utilizá-lo, etc.

Fica claro que o ESTAPAE é fundamental para a manutenção do padrão de alta qualidade dos CM. Todos, antigos e novos, lhe devem atenção e dedicação. Em contrapartida, a Direção do CM não lhe pode imprimir conduta rotineira, repetitiva, sob risco de levá-lo ao desmotivador descrédito.

A Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA) vem procurando reciclar seus professores em Centros, como o “de Aperfeiçoamento de Professores” (CAP) do Governo do Estado da Bahia (uma vez por ano, com professores de todos os CM, segundo planejamento especialmente produzido para nós), seminários e estágios – estes últimos sempre sem ônus para o Exército, mediante dispensa de ponto para os lentes.

No momento, temos um professor seguindo dois anos de mestrado no IME, no Rio. A falta de um número adequado de docentes tem impedido que incentivemos mais os cursos de pós-graduação, seguidos por uns poucos.

A cada dois anos, em princípio, representantes de professores de determinada disciplina, um por CM, reúnem-se na cidade sede da DEPA (no momento o Rio de Janeiro), para debater os problemas da Disciplina, seus Programas, livros de texto a adotar e novas técnicas, enfoques, meios auxiliares ou metodologias mais adequadas. Inegavelmente, essas reuniões são o ponto alto da integração profissional e social de nossos professores, responsáveis pela padronização, no mais alto nível, de nosso ensino.

Nossa preocupação, portanto, não se prende aos professores que estão ministrando aulas nos Colégios Militares, mas sim à dificuldade em obter novos homens e mulheres para lecionar em nossos estabelecimentos. E que sejam mestres para o futuro, e não repetidores do passado, pois que destes ainda temos alguns entre nós.

CONCLUSÕES

É inegável que existe uma crise nas licenciaturas, já há algum tempo. Não adianta o consolo de sabê-la *mundial*, porque o problema brasileiro tem peculiaridades que compete exclusivamente a nós interferir para resolver, a começar pelos baixíssimos salários que já não motivam cidadãos de qualidade a abraçar a carreira. O devotado desgaste-se em dois, três, e até quatro empregos para sobreviver condignamente – o que, naturalmente consome-lhe a eficiência, o vigor, a impulsão;

A eficiência de um professor decorre, incontestavelmente, de sua competência e domínio de classe. Portanto, conhecimento e saber específico sobre a disciplina que se propõe a ensinar, domínio das habilidades que caracterizam o exercício da profissão e capacidade de interação com o alunado. Parafraseando o filósofo, *“ele não precisa se tornar um sábio; ele tem que saber fazer brotar o sábio que há em cada aluno”*.

Nós temos que formar professores conscientes de que:

– não estão (e nunca es-

tarão) formados, de que precisam continuar estudando e aprendendo com seus discípulos;

– de que lecionar, como qualquer processo de comunicação, requer transmissor e receptor sintonizados na mesma frequência – ou seja, o aluno deve estar “ligado”, motivado, na mensagem que lhe é passada pelo mestre. Não basta só “emitir”; é preciso verificar, constantemente, se o aluno está “recebendo”;

– a sua formação de docente não é restritiva, limitadora, mas sim uma base de partida para vôos mais altos, para criações inimagináveis à época da diplomação; improvisações criativas, adaptações nos meios auxiliares disponíveis, trabalhos com materiais alternativos, novos enfoques ou abordagens, reavaliações de métodos – que incrível caleidoscópio de novidades e criações, quantas e quantas vezes voando nas asas da imaginação de seus alunos.

Por tudo que arrolamos neste estudo sucinto, entendemos que é indispensável:

Quanto aos aspectos *informativos*:

• continuar atuando na transmissão atualizada dos

conhecimentos sobre a Disciplina, que não deverão se encerrar com a diplomação;

• *reforçar o nível da didática aplicada e do manejo de classe;*

• *tornar bem mais consistentes os conhecimentos pedagógicos, em particular aqueles sobre as teorias da aprendizagem, evitando-se o modismo que leva alguns profissionais a assumirem, sem o devido respaldo acadêmico, teorias de aprendizagem sobre as quais não possuem os indicadores corretos sobre suas vantagens e desvantagens;*

• *informar adequadamente sobre a supervisão escolar, impedindo que o individualismo de alguns tolde a visão de que nossa atividade exige uma participação integrada. Não deve existir, entre a direção do Estabelecimento de Ensino e o Corpo Docente, discrepâncias entre o acompanhamento, retificação do planejamento, avaliação e validação do processo ensino-aprendizagem.*

Quanto aos aspectos *formativos*:

• *Nosso objetivo, que tem de estar presente em todas as oportunidades, é “Preparar para a Vida”;*

• *destarte, os currículos universitários devem aprofundar os aspectos formativos da Educação: formação do caráter e da personalidade de seus alunos; e aguçá-lhes a curiosidade intelectual, de modo siste-*

mático e perseverante, enquanto são repassadas as informações sobre os conteúdos da matéria.

Esta a nossa contribuição para o que entendemos ser o primordial:

“Educar para o signifi-

cativo, para ajustar-se às mudanças que o progresso impõe – e imporá; para o, hoje, ainda, só perceptível em exercícios de prospectiva, privilegiando o referencial Rogeriano do ‘aprender a aprender’”.

Estes foram os números editados em 1996



Faça agora o seu pedido de assinatura e receba em seu endereço os quatro números anuais da Revista A Defesa Nacional para 1997

1 9 9 7
Valor da Assinatura Anual: R\$ 15,00

Remeta um cheque no valor da assinatura anual em favor da Biblioteca do Exército, constando no verso do mesmo sua finalidade

NOME

MILITAR Ativa
 Reserva

Organização Militar (OM)

CIVIL
Profissão

ENDEREÇO

CIDADE

UF

PAÍS

CEP

BIBLIOTECA DO EXÉRCITO

Palácio Duque de Caxias - Praça Duque de Caxias, 25 - Ala Marçílio Dias - 3º andar - Centro - Rio de Janeiro, RJ - CEP 20221-260

Ligação Gratuita de todo o Brasil: (0800) 23.8365

Telefax: (021) 519.5569 - E-mail: biblex@ism.com.br